

# sintonia com a natureza

Até alguns anos atrás, na maioria das vezes em que mídia não especializada abordava o assunto design, ela acrescentava a qualificação “arrojado”. O adjetivo parecia vir colado ao substantivo, como almas gêmeas inseparáveis. Penso que essa confusão pode ser explicada, em parte, pelo fato de muita gente relacionar a atividade design a uma linguagem com apelo necessariamente tecnológico e que faz uso de materiais predominantemente industriais, tais como os metais e os polímeros.

Não cabe aqui explorar por que essa (in)compreensão se disseminou com tanta força. Numa edição dedicada ao campo, o que quero trazer à luz é o movimento recente de designers que estão voltando para o interior e gestando uma produção que, em contraponto à frieza do “arrojado”, é quente; em contraponto ao tecnológico, busca uma sintonia profunda com a natureza.

Algumas histórias são esclarecedoras. Nascida em Porto Alegre, Inês Schertel morou 25 anos em São Paulo. Em 2010 aprendeu a “feltrar” a lã manualmente. A técnica existe há seis milênios, sendo anterior ao aparecimento de fios e teares. Em seu trabalho, Inês reinventou a tradição e chegou a uma textura macia e à combinação de cores e padrões únicos. No ano passado, ela e o marido radicalizaram a experiência ao resolver se mudar para a fazenda da família em São Francisco de Paula, na região dos cânions gaúchos. Ele cuida das 250 ovelhas e ela, da lã do rebanho, fazendo o que chama de slow design.

A volta às origens foi também a opção de Domingos Tótora. Nascido na encantadora Maria da Fé, cidadezinha nas fraldas da serra da Mantiqueira, no sul de Minas Gerais, como tantos de nós ele migrou para a cidade grande para “ser alguém na vida”. Fez cursos na Fundação Armando Álvares Penteado, na Escola de Comunicações e Artes da USP e no Museu de Arte Contemporânea, todos em São Paulo, e experimentou alguns caminhos criativos. Encontrou o seu rumo ao voltar para Maria da Fé. Ali, desenvolveu uma técnica para transformar caixas de papelão descartadas pelos supermercados e indústrias locais numa massa de celulose que, agregada a cola e água, torna-se um material sólido e resistente, passando a ser usado na elaboração de móveis e de objetos.

Como tive o prazer de dizer no prefácio de um livro sobre ele, soa paradoxal que de detritos

industriais Domingos extraia peças que estabelecem, para quem as vê, uma conexão direta com o mundo natural. Eu então escrevi: “É possível sentir nos objetos a imanência da luminosidade da serra da Mantiqueira, os cheiros e os vazios dos morros, os volumes das plantações e das matas, a placidez ou o encrespar das águas de um pequeno lago, todos ao alcance de seus olhos no cotidiano”.

A opção de alguns designers não é voltar ao ponto de onde vieram, mas buscar lugares que proporcionem o exercício do sonho. É esse o caso de Mayumi Ito. Nascida em Vitória, formou-se em arquitetura em São Paulo e passou a trabalhar com moda e design. Seus projetos a levaram ao Japão, país onde o “craft design” é tão respeitado e valorizado quanto o “industrial design”, e onde morou de 1986 a 2001. De volta ao Brasil, decidiu procurar um lugar no interior para viver e trabalhar. Depois de algumas pesquisas, em 2003 decidiu-se por Muzambinho, no sudoeste mineiro.

Lá passou a desenvolver um trabalho têxtil que compreende todo o ciclo da tecelagem, batizando a sua marca de Amaria. Na escolha dos fios, dá preferência para aqueles produzidos em regiões próximas de forma orgânica, ou recicla restos industriais, como é o caso dos fios de seda. O tingimento usa galhos, folhas e sementes oriundos das sobras da colheita do café cultivado no município, adicionados à borra do pó de café coletada nas casas dos moradores das vizinhanças. A tecelagem em tear manual emprega um saber tradicional na região, que vinha sendo esquecido, e traz uma oportunidade de trabalho para cerca de 30 mulheres, entre as quais jovens na faixa dos 20 anos de idade. Restos de fios tecidos à mão são emendados e muitas vezes recebem bordados em sua superfície.

Fiel a seus ancestrais do Japão e ao aprendizado naquele país, a busca da perfeição é a tônica. Os tecidos mostram o mesmo esmero técnico no avesso e no direito. Com eles Mayumi desenvolve roupas femininas em baixas tiragens ou peças únicas. O próximo passo é o lançamento, em agosto, da marca Amaria Casa, inicialmente com toalhas que devem trazer para o universo doméstico a mesma delicadeza que ela pratica na moda.

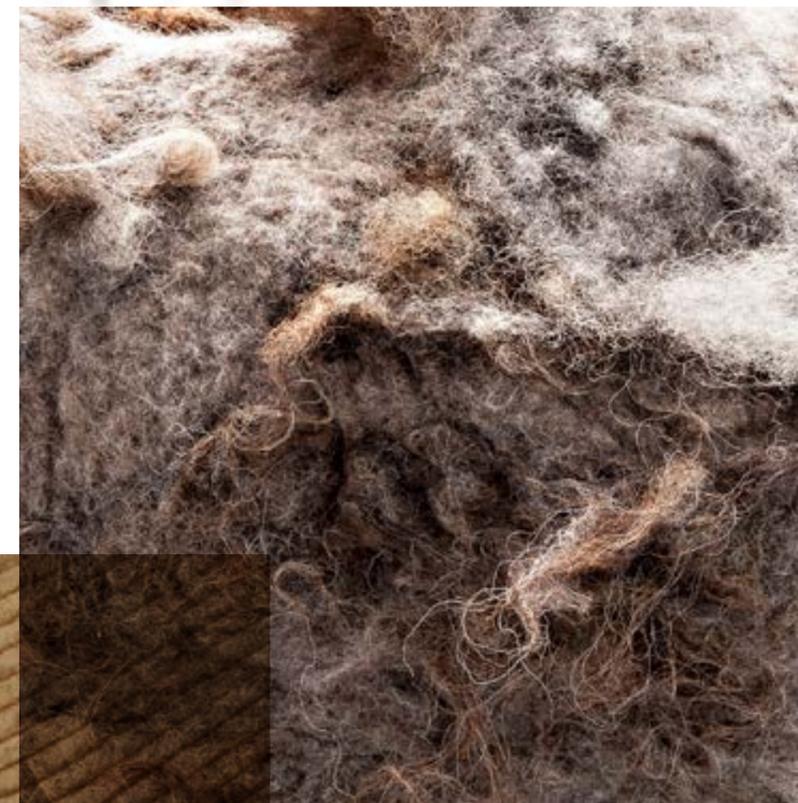
As criações de Inês, Domingos e Mayumi, como de tantos outros designers que escolheram esse caminho, não nos trazem arrojo, mas a natureza transformada e embalada com calor humano.



Por Adélia Borges

Fotos Christiana Carvalho, Fifi Tong e cortesia Domingos Tótora

*há um movimento recente de designers que estão voltando para o interior e criando uma produção que, em contraponto à frieza do ‘arrojado’ e do tecnológico, é quente e conectada com o mundo natural*



#### Calorosos

Domingos Tótora (Dpot), Inês Schertel e Mayumi Ito são designers que desenvolvem no campo os materiais para criar suas peças; respectivamente, uma massa produzida com papelão, o feltro de lã natural e tecidos tingidos com restos orgânicos como a borra de café.

